

**VIKINGMANIA: DOIS SÉCULOS DE CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO
DO VIKING**

**VIKINGMANIA: TWO CENTURIES OF BUILDING OF THE VIKING
REPRESENTATION**

Leandro Vilar Oliveira¹

Resumo: Nas últimas décadas a cultura midiática vem testemunhando uma grande produção de conteúdos sobre os vikings, algo impulsionado pela chamada Vikingmania. O presente artigo teve como objetivo conceitualizar a Vikingmania, termo utilizado para se referir ao entusiasmo por esse período e seu povo, mas sem ter uma definição claramente definida. Diante disso, o artigo além de apresentar um conceito, também traçou um resumo histórico de seu desenvolvimento, mostrando como a representação sobre os vikings foi sendo moldada e diferentes usos lhe foram concedidos em dois séculos.

Palavras-chave: Vikings; cultura midiática; Romantismo Nórdico; Neomedievalismo; Renascimento Nórdico.

Abstract: In recent decades, media culture has witnessed a large production of content about the Vikings, something driven by the so-called Vikingmania. This article aimed to conceptualize Vikingmania, a term used to refer to the enthusiasm for this period and its people, but without a clearly defined definition. Therefore, the article, in addition to presenting a concept, also outlined a historical summary of its development, showing how the representation of the Vikings was being shaped and different uses were given to it in two centuries.

Keywords: Vikings; media culture; Norse Romanticism; Neomedievalism; Norse Renaissance.

Introdução

Nas últimas duas décadas, filmes, jogos, livros, quadrinhos, eventos e produtos relacionados a temática viking e a mitologia nórdica, evidenciam um novo alento da Vikingmania, mostrando que o interesse pelos vikings ainda continua em alta e vai se readaptando ao longo do tempo. Pois com a popularização das redes sociais e do acesso à internet, ocorreu o aumento de blogs, sites, canais no Youtube, comunidades, grupos, páginas

¹ Doutor em Ciências das Religiões pela UFPB. Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Email: vilarleandro@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8905-9727>.

nas redes sociais, chats e podcasts, os quais abordam temas relacionados a Era Viking (sécs. VIII-XI).

E a maior parte desse material é oriundo para intuitos de popularização do tema, geralmente motivados por fãs, os quais criaram estes espaços virtuais para debater suas opiniões, gostos, críticas, sugestões e expectativas, permitindo que novas pessoas passassem a se interessar por tais produções. Se no passado os antigos clubes do livro faziam isso, agora estamos no momento dos “clubes virtuais” que se mostram bem mais acessíveis.

Mas o que seria exatamente a Vikingmania? Palavra que encontramos timidamente citada em alguns livros, artigos ou em sites. Por que hoje é tão popular? Ela teria alguma relação com a Egitomania? Partindo dessas perguntas, a proposta desse artigo foi respondê-las, apresentando as conceitualizações para o termo Vikingmania, periodizar seu desenvolvimento, apresentando o impacto gerado por essas representações, que não se limitou apenas a uma questão de estética vista nas artes plásticas, na ópera e no cinema, mas que abarcou questões sociais, identitárias, políticas e mercadológicas. Neste âmbito, decidimos abordar a Vikingmania a partir de uma história cultural de longa duração para compreender esse fenômeno.

Conceitos teóricos

A palavra Vikingmania ou Viking-mania já existe a algumas décadas, sendo usada normalmente no sentido de referir-se a um intenso entusiasmo pelos vikings². O conceito se desenvolveu de um termo mais antigo, o *Vikingism* (“vikinguismo”), inventado pelas escritoras Edith Somerville (1858-1949) e sua prima Violet Martin (1862-1915) no livro *Some Experiences of an Irish R.M* (1899), e usado de forma irônica para criticar o comportamento dos homens irlandeses e britânicos, os quais se achavam “novos vikings”. A palavra surgiu numa época em que a vikingmania tinha se popularizado na Inglaterra da Era Vitoriana (1837-1901), em que proliferava poemas, romances, pinturas, traduções e estudos sobre os vikings e a mitologia nórdica (Teulié, 2020).

² Björn Porsteinsson em seu artigo *Some Observations on the Discoveries and the Cultural History of the Norsemen* (1962), utilizou as palavras “*viking mania*” para se referir ao entusiasmo em torno do filme *The Viking* (1958) e a popularização gerada por ele nos anos seguintes.

Teulié (2020) comenta que o *Vikingism* era marcante na Inglaterra Vitoriana não apenas por sua influência nas artes, mas por suscitar ideários de identidade e ancestralidade. Sobre isso o autor cita um trecho do artigo *The Danes in Lancashire*, de 22 de janeiro de 1853, publicado na revista *Preston Chronicle*, em cuja matéria exaltava-se os vikings como um dos antepassados do povo britânico, sendo responsáveis por legar uma “grande melhoria para aquela raça”. Teulié destaca que as ideias do racismo científico já estavam presentes no Reino Unido, em que a figura do viking era fundida numa miscigenação positiva com os anglo-saxões para gerar a “raça britânica”. Fato esse que havia pessoas – geralmente da nobreza e aristocracia – os quais procuravam remontar suas árvores genealógicas até o período da ocupação nórdica na Inglaterra, Escócia e Irlanda, durante os séculos IX e XI.

Todavia, a palavra *Vikingism* deixou de ser usada apenas como uma ironia sendo adotada por outros autores no século XX, para se referir a ideia de um entusiasmo pela temática viking e uma associação identitária com tais povos (Fell, 1987). Por conta dessa influência da época, optamos em definir nosso conceito de Vikingmania baseando-se no de Egitomania, termo surgido no século XIX para se referir ao entusiasmo pelo Egito Antigo, algo que tinha alguns aspectos em comum com o *Vikingism*.

Tatomir (2015) assinala que a Egitomania se trata de um termo que possui os seguintes significados: apropriação e reapropriação da história e da cultura do Egito Antigo; apreço por colecionar objetos egípcios antigos; admiração pela estética egípcia; entusiasmo por coisas relacionadas ao Egito; uma popularização da Egiptologia; sinônimos para o Orientalismo e Exoterismo. Neste aspecto, reconhecemos que existam pontos em comum entre nosso conceito de Vikingmania e o de Egitomania, onde destacamos que em ambos os casos ocorram uma apropriação e reapropriação da história e da cultura, algo que será melhor explicado ao longo deste estudo, além de ocorrer também um entusiasmo por tal temática e uma popularização sobre o assunto. Todavia, a Vikingmania não possui necessariamente um sentido de colecionismo aos modos antigos, onde se via na Egitomania um afã para se colecionar artefatos, mesmo que significasse contrabandeá-los do Egito. Por outro lado, também não se observa a aplicação do termo para se referir como sinônimo de estudos escandinavos.

Neste sentido, definimos a Vikingmania como sendo a representação contemporânea sobre os vikings, surgido com o Romantismo do século XIX, construído a partir das artes plásticas, música, literatura e teatro, posteriormente sendo reformulado nos séculos XX e XXI,

passando pelo cinema, histórias em quadrinhos, seriados e videogames, os quais forneceram concepções estereotipadas que ajudaram a construir o senso comum³ que atualmente temos sobre os vikings⁴, em respeito a seu visual, cultura, sociedade, história, costumes e crenças, desenvolvidos para intuítos estéticos, políticos, sociais e mercadológicos. Dessa forma a Vikingmania pode ser considerada um tipo de cultura visual, midiática e identitária.

Para que essa definição fique mais compreensível se faz necessário explanar alguns conceitos que a compõe. O primeiro diz respeito a representação, que consiste no uso da linguagem (signos, símbolos, sons, imagens) e discursos para se criar um sistema que explique algo, alguém, acontecimento, objeto, lugar etc. Dessa forma, através do uso de diferentes tipos de linguagens criamos nossa percepção sobre o mundo, a realidade, o tempo, a história, as artes, as ciências, as sociedades, as culturas (Hall, 2016).

E tais representações podem fazer uso de estereótipos, os quais consistem em construções visuais, simbólicas e identitárias, pautadas por diferentes influências (políticas, sociais, regionais, históricas, religiosas, artísticas, culturais etc.), que se tornam modelos de representação do outro ou de algo, sendo que tais modelos não necessariamente condizem com a realidade, podendo estarem imbuídos de preconceitos, senso comum, desconhecimento, ideologias e discursos (Hilton; Hippel, 1996).

Por tal aspectos, a Vikingmania trata-se de uma representação contemporânea, no caso, surgida na Europa do século XIX, em países como Dinamarca, Noruega, Suécia, Inglaterra e Alemanha, que definiu em vários aspectos a forma como os vikings são reconhecidos até hoje.

Diante desses conceitos partimos para compreender em uma longa duração, o que nós definimos como os três períodos da Vikingmania, pois no nosso estudo observou-se que essa representação se alterou nos séculos XIX, XX e XXI. Por conta da longa duração braudeliana requerer um grande espaço para ter seu conteúdo aprofundado, no intuito de mostrar as

³ Senso comum é o termo usado para se referir aos costumes, saberes, crenças e tradições que são disseminados normalmente na sociedade, sem requerer estudo. Na prática o senso comum possui informações úteis, mas também apresenta informações de caráter duvidoso e carregadas de preconceitos também (Abbagnano, 2007).

⁴ Para facilitar a leitura deste artigo, usamos o termo viking no sentido de povo, conceito já existente na Idade Média, usado pelos anglo-saxões para se referir de forma genérica aos escandinavos que iam à Inglaterra. Embora que essa palavra possua outros significados como referência a piratas, saqueadores, invasores, viajantes do mar, guerreiros que atacam pelo mar etc. O verbete Viking do *Dicionário de História e Cultura da Era Viking* (2018), traz uma excelente definição sobre o termo em língua portuguesa.

mudanças analisadas, entretanto, para contornar essa condição, fizemos uso do método dos “quadros históricos”⁵ sugeridos por Antoine Prost (2008). Logo, para se compreender de forma mais detalhada a vikingmania, optamos em comentar cada uma dessas fases, apresentando suas características centrais e destacando alguns de seus marcos.

Século XVIII: no limiar da Vikingmania

A Vikingmania essencialmente desenvolveu-se ao longo do século XIX, mas suas raízes são encontradas ainda no século XVIII com o Renascimento Nórdico (1750-1820)⁶ e a escandinavística alemã que apresentava influências do Romantismo. Ambos os movimentos inicialmente de cunho artístico, acabaram por englobar ideários nacionalistas e patrióticos.

No século XVIII o escritor suíço Paul Henri Mallet (1730-1802) que viveu na Dinamarca, publicou em dois volumes o livro *Monuments de la mythologie et de la poesie des Celtes, et particulièrement des anciens Scandinaves* (1756), o qual ganhou considerável repercussão na época⁷. Nessa obra, Mallet lançou as bases para o Renascimento Nórdico, pela valorização concedida a mitologia nórdica e histórias contidas em algumas sagas islandesas, além de estudar os celtas também, tema em voga no período (Ross; Lönnroth, 1999).

Posteriormente o trabalho do escritor escocês James Macpherson (1736-1796), autor de *The Poems of Ossian* (1765), coletânea de poemas épicos inspirado em narrativas irlandesas e gaélicas, os quais ganharam fama na época, influenciou o poeta dinamarquês Johannes Ewald (1743-1781), o qual decidiu fazer algo similar, publicando o poema dramático *Rolf Krake* (1770), baseado na *Hrólfs saga kraka*, obra que narra os feitos de um lendário rei viking dinamarquês. No entanto, a fama para Ewald veio com sua ópera *Balders Død* (1774), baseada no mito da morte do deus Balder, a qual foi bem aceita pela crítica e público da época (Ljøgodt, 2012).

Com a popularização desses trabalhos, outros artistas de diferentes nacionalidades foram influenciados no período, como o escritor inglês Thomas Gray (1716-1771), autor dos

⁵ “O quadro é o modo de exposição histórica que identifica as coerências, o *Zusammenhang*, e responde à seguinte questão: ‘Como eram as coisas?’. Ele está situado, naturalmente, no tempo que, às vezes, é bastante longo: a história imóvel permite a elaboração de quadros plurisseculares” (Prost, 2008, p. 215).

⁶ O conceito foi criado pelo crítico literário sueco Anton Blanck (1881-1951), em 1911, no original “*Den nordiska renässansen*”. Já sua cronologia, adotamos a sugerida por Margaret Clunies Ross em seu livro *The Norse Muse in Britain: 1750-1820*.

⁷ O livro foi traduzido parcialmente para o dinamarquês em 1756, depois para o alemão em 1765, para o inglês em 1770 e o russo em 1785 (Zernack, 2018a).

poemas *The Descent of Odin* (1768) e *The Fatal Sisters* (1768), o poeta inglês Robert Southey (1774-1843) que escreveu *The Race of Odin* (1795). No campo da iconografia tivemos obras importantes no período como as ilustrações feitas por Ólafur Brynjúlfsson para a *Saemundar og Snorra Edda* (1760); a pintura *Ymer dier koen Ødhumbla* (c. 1777) do pintor dinamarquês Nicolai Abildgaard; a série de desenhos de Johannes Wiedewelt para ópera *Balders Død* (1780) de Johannes Ewald e a pintura *Tors kamp med Midgårdsormen* (1790) do pintor anglo-suíço Johann Heinrich Füssli (Ljøgodt, 2012).

Nesse período o interesse pela literatura das *Eddas* e das sagas islandesas cresceu consideravelmente, somando-se as novas traduções publicadas na época. Além disso, era um período de reafirmação cultural e política, em que houve uma demanda pela exaltação de ideias nacionalistas para a construção de uma nova identidade nacional e de povo, utilizando-se de forma idealizada do passado para exaltar virtudes. Preceitos mantidos com o romantismo do século XIX (Zernack, 2018b).

Quanto a Escandinavística Alemã, essa também contribuiu com o Renascimento Nórdico, sobretudo no campo da literatura e estudos filológicos. Na Alemanha a escandinavística despontou com o filólogo Friedrich David Gräter (1768-1830), o qual em 1789, publicou o livro de poemas intitulado *Nordische Blumen* (“Flores Nórdicas”), sua incursão sobre literatura nórdica. Nos anos seguintes o interesse de Gräter aumentou e ele editou revistas sobre literatura e filologia, como *Bragur* (1791-1818) e *Iduna e Hermode* (1812-1816), além de publicar outros livros a respeito (Bragança Jr, 2020). Todo esse material ajudou os artistas do século seguinte, a comporem seus trabalhos.

Primeira Fase: Período Romântico (1800-1940)

A primeira fase da Vikingmania é a mais longa e na qual vários estereótipos surgiram. É o período também que a Europa, os Estados Unidos e o Brasil mostraram entusiasmo por esse povo reputado como bárbaro, mas que foi representado nas artes de forma romantizada, adotando-se a ideia do herói pagão, do pirata, do aventureiro, do guerreiro cruel, mas também do guerreiro trágico, como forma de balancear a percepção negativa sobre os vikings, os quais poderiam surgir como bravos desbravadores, ou serem representados como homens violentos, estupradores e hereges (Wolf; Mueller-Vollmer, 2018). Aqui percebe-se como o estereótipo sobre os vikings possuiu elementos tanto positivos quanto negativos.

E diante dessas influências, citamos o escritor dinamarquês Adam Oehlenschläger (1779-1850), que é considerado um dos fundadores do Romantismo nórdico⁸ (Sjåvik, 2006). Oehlenschläger, em 1801, publicou um ensaio intitulado *Æstetiske Skrifter* (“Escrituras Estéticas”), no qual ele usou os deuses nórdicos como exemplo para debater ideários nacionalistas e de valorização da ancestralidade de seu país⁹. Nesse ponto, ele tecia comparações com a mitologia grega e como essa era importante para a identidade do povo grego (Ljøgodt, 2012). Apesar de Oehlenschläger ser considerado o precursor do Romantismo Nórdico, seus trabalhos não deram atenção a figura do viking, estando mais voltados para a mitologia nórdica, legado que ele conservava do Renascimento Nórdico.

Sendo assim, o primeiro autor romântico que contribuiu para o surgimento da representação dos vikings foi o artista e erudito sueco, Erik Gustav Geijer (1783-1847), o qual publicou o poema *Vikingen*¹⁰ (1811). Nessa narrativa, Geijer enaltecia os vikings como corajosos navegantes e poderosos guerreiros, os quais festejavam bebendo em chifres. No entanto, o autor também retratava os vikings como sendo saqueadores e sequestradores. Geijer contribuiu para popularizar a representação do viking como “rei do mar” e valente pirata, que poderia ser visto como herói ou uma ameaça. O poema também procurou expressar na figura do intrépido viking, ideias nacionalistas defendidas pelo autor. Além disso, o uso da palavra viking também foi bem recebida, vindo a se difundir entre outros autores escandinavos e britânicos nos anos seguintes, pois antes disso o termo ainda não era comumente utilizado (Langer; Menini, 2020).

Outra produção que ganhou destaque na época foi a *Friðþjófs saga* (Saga de Frithiof), na versão do escritor e bispo sueco, Esaias Tegnér (1782-1846), lançada integralmente em 1825. A obra em questão era uma releitura da saga original, datada por volta de 1300. A versão de

⁸ O Romantismo nórdico foi influenciado pelo Romantismo alemão, movimento artístico e intelectual que se mostrou crítico do Iluminismo, da modernidade, do domínio francês nas artes, mas de outro lado, defendia a valorização da cultura nacional, do povo, das tradições, da nação, do amor, do drama, das emoções e sentimentos. Tais aspectos foram adotados em outros países, levando ao surgimento de seus próprios romantismos (Carpeaux, 2013).

⁹ O nacionalismo consiste em ideologias políticas, sociais e culturais de valorização da nação, do povo e da pátria. Trata-se da construção de identidade de um Estado-nação, pautando-se em parâmetros históricos, territoriais, linguísticos, étnicos, religiosos etc. (Heywood, 2010).

¹⁰ Este poema ganhou uma tradução recente para o português, no volume 3 da revista *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies* (2020). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/scandia/article/view/54463>.

Tegnér se popularizou em pouco tempo, recebendo traduções e inspirando pintores e compositores a retratarem o herói Frithiof, cuja jornada dramática encaixava-se nas concepções românticas em voga no período (Langer, 2002; Sjøvik, 2006;).

Outros autores escreveram sobre os vikings, enaltecendo suas qualidades românticas como aventureiros audazes e fortes, desbravadores, piratas, guerreiros, mercadores e até fazendeiros. E essa influência não se limitou apenas a Escandinávia, indo para outros países vizinhos (Langer, 2021a). Na Inglaterra tivemos uma nova leva de autores interessados na temática viking, destacando-se Walter Scott (1771-1832) com seu poema *Harold the Dauntless* (1817) e o romance *The Pirate* (1821-1822) e William Wordsworth (1770-1850) com o poema *A Fact, and an Imagination or, Canute and Alfred, on the Seashore* (1820), nessas duas décadas iniciais (Córdova, 2018a).

Julia Zernack (2018c) comenta o caso de que os russos e poloneses ainda no final do século XVIII, foram influenciados pelo Renascimento Nórdico, e durante o XIX, alguns escritores retomaram o interesse pelo assunto, dessa vez, valendo-se da figura do viking, sobretudo os russos, pois os poloneses se interessaram mais pela mitologia nórdica. A autora assinala a condição que os vikings realizaram expedições e até fundaram assentamentos, vilas e cidades nesses territórios, por conta disso, o renomado poeta russo Aleksander Pushkin (1799-1837), escreveu *Песнь О Вещем Олеге* (O Cantar de Oleg, o Profeta)¹¹, em 1822, embora publicando-o em 1825. A obra de Pushkin utilizava-se da figura dos vikings no tempo da Rússia de Kiev¹², como figuras românticas, cujos valentes guerreiros fundaram a Dinastia Rurikovitch, que governou em Novgorod (Rússia) e Kiev (Ucrânia), sendo o próprio Oleg, um de seus príncipes (Marinas, 2019).

Tal dinastia era considerada por Pushkin e outros autores da época, como uma das origens para a monarquia russa. Dessa forma, nota-se o uso do viking novamente como figura heroica, mas associado a intuítos de identidade nacional e ancestral. E essa condição também foi vista em outros países como na França, em que o escritor Pierre-Victor Lerebours escreveu a peça *Harald ou les Scandinaves: tragédie en cinq actes* (1825), obra que romantizava a figura

¹¹ Uma tradução para o espanhol pode ser lida no *Scandia* 3. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/scandia/article/view/54468/31307>.

¹² Foi uma confederação de principados existente no leste europeu, entre os séculos IX e XII.

dos vikings, equiparando-os a idealização do cavaleiro medieval, além de exaltar a ocupação escandinava na região francesa da Normandia (Langer, 2021a).

Tais influências da vikingmania romântica deixaram a Europa e se dirigiram para o outro lado do Atlântico, chegando aos Estados Unidos. O historiador e antiquarista dinamarquês Carl Christian Rafn (1795-1864) escreveu um livro defendendo a presença nórdica nos Estados Unidos da América, baseado em suas interpretações da *Eiríks saga rauða* (Saga de Eric, o Vermelho) e da *Grænlandinga saga* (Saga dos Groenlandeses), as quais abordam terras situadas na costa canadense, incluindo a mais famosa delas que é Vinland. Entretanto em seu livro *Antiquitates Americanae Sive Scriptorum Septentrionalium Rerum Antecolumbianarum in America* (1836), Rafn defendia que Vinland estaria situada na Nova Inglaterra dos Estados Unidos, não em território canadense (Langer, 2012).

A teoria de Rafn ganhou adeptos em poucos anos, principalmente quando seu livro foi traduzido para o inglês em 1838, com o título *Discovery of North America*, algo que contribuiu para que artistas e entusiastas passassem a defender a teoria da presença viking nos Estados Unidos (Langer, 2012). Influenciado por essas ideias o poeta Henry Wadsworth Longfellow (1807-1882), foi um dos primeiros grandes entusiastas da vikingmania em seu país. Ao longo da vida, Longfellow escreveu vários poemas sobre vikings e seus deuses, e um de seus primeiros trabalhos a se destacar foi *The Skeleton in Armor* (1841), que contava a história de um viking que acabou chegando à costa estadunidense. A história baseava-se num misterioso esqueleto encontrado em 1832, em Fall River, Massachusetts, o qual alegava-se que teria sido de um europeu. No caso, Longfellow criou uma história fictícia, atribuindo aquele esqueleto como sendo de um viking. Narrativa inclusive que se popularizou na época (Ehrlich, 1982).

Os adeptos dessa teoria não apenas alegavam uma antiga presença nórdica, mas defendiam que os vikings fundaram um núcleo colonial ali, séculos antes dos espanhóis, franceses e ingleses. Além disso, a defesa de uma presença viking nos Estados Unidos também era pautada em interesses nacionalistas, como salientar a presença do “europeu civilizador”. Por mais que o viking pudesse ser percebido também como bárbaro, mas se comparado aos indígenas, eles eram “muito mais civilizados” (Mancini, 2002).

Um dos grandes apoiadores dessa presença escandinava nos Estados Unidos foi o escritor, professor e diplomata americano Rasmus Bjørn Anderson (1846-1936), o qual era descendente de noruegueses. Seu livro intitulado *America Not Discovered by Columbus: An*

Historical Sketch of the Discovery of America by the Norsemen in the Tenth Century (1874). Tal livro serviu de influência para outros estudiosos e pessoas interessadas em propagarem essa teoria, além de contribuir também para aumentar o apreço pela vikingmania no país. O livro de Anderson reforçou ainda mais as ideias já propostas por Rafn, apesar que hoje saiba-se que os argumentos desses estudiosos não possuam provas arqueológicas e históricas encontradas (Mancini, 2002).

Mas essa ideia de uma presença viking nas Américas não ficou limitada aos Estados Unidos. Ainda no século XIX, teorias de que vikings teriam chegado ao Brasil, foram populares durante o começo do reinado do imperador D. Pedro II (1831-1889), principalmente defendida por estudiosos estrangeiros. Em 1839 o professor e mineralogista Rochus Schüch (1788-1844), ao analisar inscrições encontradas na Pedra da Gávea, no Rio de Janeiro, apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a teoria de que aquelas inscrições seriam runas escandinavas. Tinha início as teorias da presença viking no Brasil. Schüch citou o livro de Rafn para embasar suas ideias, apontando que os vikings poderiam ter estado em outras localidades dos Estados Unidos e talvez até ido mais além (Langer, 2004).

Entretanto, o interesse pela presença viking no Brasil cresceu consideravelmente na década de 1840 com a tradução do *Manuscrito 512*, publicado na revista do IHGB, o qual informava sobre ruínas de um povo desconhecido, encontradas no sertões da Bahia. O breve relato teria sido redigido por um bandeirante anônimo, por volta do ano de 1753. Além das ruínas, foram achadas inscrições estranhas no local.

Pierre Victor Lerebours, ao analisar esse documento, publicou em 1841 o livro *Coup d'œil sur les antiquités skandinaves* ("Um olhar sobre as antiguidades escandinavas"), alegando que as inscrições transcritas no manuscrito, era runas escandinavas. Posteriormente o naturalista dinamarquês Peter Lund, que na época trabalhava no Brasil, interessou-se pelo documento e o traduziu para seu idioma, publicando-o na revista *Antiquarisk*, em 1843, chamando atenção do próprio Rafn, que cogitou serem possíveis evidências da presença nórdica na América do Sul. Dois anos depois o estudioso francês Carl Emile Adêt, também analisou o referido manuscrito e escreveu o artigo *Descoberta de uma vila antiga nas florestas do Brasil*, publicado no periódico *La Revue Indépendante*, em 1845. Ele defendia que as inscrições eram runas e as ruínas poderiam ter sido uma fortificação viking (Langer, 2004).

Tais obras não tiveram grande impacto no Brasil, sendo a teoria esquecida em seguida. Ainda na década de 1870 o naturalista João Barboza Rodrigues voltaria a abordar o assunto, sugerindo um possível núcleo colonial viking no Pará, mas sua hipótese não foi bem recebida. Depois disso tais teorias caíram no esquecimento, sendo retomadas por estrangeiros no século XX, mas sem nenhuma fundamentação arqueológica para isso¹³ (Langer, 2004).

Chegando em meados do século XIX se faz necessário destacar um dado importante para esse período: o surgimento da icônica imagem do viking usando elmo com chifres. Teria sido na década de 1850 que surgiu os primeiros vikings usando elmos com chifres, estética encontrada primeiramente entre obras alemãs e francesas, baseadas na representação dos povos germânicos com aspectos “bárbaros”¹⁴. Por conta disso, os artistas retrataram os vikings com essas características: os elmos com chifres, visual barbudo, aspecto bruto, usando peles de animais como traje (Langer, 2021a). Entretanto, os elmos com chifres não repercutiram de imediato como os elmos com asas, fato esse que os chifres só começaram a despontar mais regularmente em representações dos vikings, no final do século XIX e começo do XX (Frank, 2000).

Mas enquanto os elmos com chifres não se tornaram icônicos de imediato, os elmos com asas já apareciam mais comumente na imagética associada com os vikings, algo que já existia no século XVIII, mas ganhando uma nova dimensão com a ópera. Em 1782 a ópera *Balders Død* (1782) de Johannes Ewald, fez relativo sucesso, porém, foi no XIX que os vikings se tornaram um tema recorrente nesse estilo musical, destacando-se as sinfonias e óperas baseadas na *Saga de Frithiof*, mas sobretudo no *Anel dos Nibelungos* (*Der Ring des Nibelungen*) de Richard Wagner (1813-1883).

A ópera do *Anel dos Nibelungos* que é dividida em quatro partes, consiste numa narrativa que reúne elementos presentes na *Edda Poética*, na *Saga dos Volsungos*, na *Canção dos Nibelungos* e em outras fontes, tendo a primeira parte sido oficialmente apresentada em 1876.

¹³ Destacamos o livro *A Conquista do Mundo* (1962) do alemão Paul Hermann, embora que a obra foi publicada originalmente em 1952, em que o autor defendia a presença viking em diferentes localidades das Américas, incluindo o Brasil. Todavia, o livro mais influente desse período foi *Os Vikings no Brasil* (1976) do francês Jacques de Mahieu, que defendia vestígios da presença nórdica em diferentes localidades no Brasil e até mesmo no Paraguai.

¹⁴ Langer (2021b) em seu estudo a respeito das obras do pintor dinamarquês J. L. Lund (1777-1867), mostrou vikings caracterizados como germânicos e celtas, e alguns guerreiros trajavam vestes romanas. Não se encontra elmos com chifres, mas as vezes notam-se elmos com asas.

A ópera tornou-se em poucos anos um sucesso de público e crítica. Mas um destaque importante a fazer foi uma nova popularização de elmos com asas, algo principalmente visto no visual das valquírias, tornaram-se um estereótipo marcante do romantismo, tendo repercussão até hoje (Lupi, 2015).

Outra característica que se destacou na vikingmania romântica foi a fundação de entidades com o intuito de promover os estudos vikings, escandinavos, anglo-saxões e germânicos. Das quais citamos o *Viking Society for Northern Research* (1892) e a *Norræna Society* (1896)¹⁵. Com a popularização do interesse por vikings e mitologia nórdica, alguns intelectuais, políticos e nobres, decidiram criar tais fundações para promover pesquisas, estudo e tradução, produzindo tanto material acadêmico, quanto obras voltadas para o grande público. Se a Egitomania contribuiu para despertar a Egíptologia, podemos dizer que a Vikingmania também teve sua parte em contribuir para a formação de fundações voltadas para o estudo e pesquisa. Paralelamente a essas fundações, também surgiram clubes vikings¹⁶, formados por entusiastas que gostavam de debater sobre o tema, como o *Viking Club* da *Northern Society*, fundado em 1893, o qual criou a revista *Saga-Book* (1895), ainda hoje em publicação.

Adentrando o século XX, as influências românticas ainda continuavam em voga, e a vikingmania prosseguia dessa vez para ter acesso a outras fontes. No caso do cinema, o primeiro filme a se destacar foi *The Viking* (1928), baseado no romance *The Thrall of Leif the Lucky* (1902) de Otilie A. Liljencrantz, que era uma entusiasta da vikingmania. A respeito do filme, esse consiste numa produção colorida e muda, o qual apresenta elementos visuais baseados na ópera wagneriana e aborda a ideia de que vikings estiveram nos Estados Unidos. No tocante a sua trama, percebe-se elementos românticos, como amor, drama, virtude e cavalheirismo (Langer, 2015).

A literatura das primeiras décadas do século XX, apresentou novas formas de narrativa, destacando-se as produções de fantasia, as quais abordavam elementos presentes na mitologia nórdica. Por exemplo, *Conan, the Barbarian* (1932) de Robert E. Howard, *The Hobbit* (1937) de J. R. R. Tolkien, o conto *The Fortress of Utgard* (1940) e a novela *The Daughter of Thor*

¹⁵ A *Viking Society for Northern Research* ainda continua a existir. Já a *Norræna Society* foi renomeada para *Anglo-Saxon Society*, passando a ter uma filial nos Estados Unidos.

¹⁶ Na década de 1920, os filólogos E. V. Gordon e J. R. R. Tolkien criaram seu próprio clube viking, reunindo principalmente professores e estudantes de Filologia e História, que tinham interesse na literatura escandinava.

(1942). Essas narrativas eram dirigidas para um público jovem e adulto, publicadas em revistas especializadas ou lançadas como livros, fazendo uso de elementos mitológicos e estereotipados sobre os vikings, inseridos numa ambientação de fantasia.

Nos quadrinhos a presença dos vikings ainda era rara até a década de 1930, mas a primeira história que fez sucesso diz respeito ao *Prince Valiant* (1937) de Hal Foster, uma narrativa de medievo fantástico, que inclusive tornou-se referência para outras produções do tipo. Entre os vários personagens que o príncipe encontrava, estavam alguns vikings, os quais apareciam de forma estereotipada, representados como bárbaros barbudos, usando elmos com chifres (Albuquerque, 2019).

Por fim, as décadas de 1930 e 1940 também foram marcadas pelo uso da imagem do viking novamente para fins políticos e identitários¹⁷. Se anteriormente comentou-se que desde o começo do XIX, os vikings e a mitologia nórdica foram utilizadas com intuítos nacionalistas, tal prática foi retomada dessa vez pelos nazistas, principalmente após a ocupação da Dinamarca e Noruega, durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Seguindo os ideários do mito da raça ariana, os nazistas além de colocarem os germânicos como descendentes dos arianos, estenderam aos escandinavos essa condição também (Lönnroth, 1997).

E a figura do viking, ainda influenciada pelo romantismo, foi usada pelos nazistas não na ideia de serem bárbaros incultos e sanguinários, mas de uma “civilização em desenvolvimento”, honrada, brava, guerreira e conquistadora. Qualidades que o nazismo apresentava a sociedade. Além disso, nota-se em sua propaganda a presença de vikings sem elmos com chifres ou asas e imberbes, dois estereótipos que os nazistas deixaram de fora.

Com o fim da guerra, as ideias racistas envolvendo o uso da imagem romanceada dos vikings, saíram de cena por alguns anos. Entretanto, no período que essa associação dos vikings com o nazismo prevaleceu, algumas produções cinematográficas e literárias tiveram uma queda considerável, pois os autores e produtores temiam que fossem associados com ideias nazistas ao se referirem aos vikings (Hochman, 2015).

¹⁷ O conceito de identidade possui várias definições, no entanto a identidade é composta de uma variedade de características visuais, biológicas, linguísticas, culturais, geográficas, sociais, psicológicas etc. pelas quais um indivíduo se reconhece a si mesmo e se reconhece dentro da sociedade na qual está inserido. Condição essa que atualmente se fala que uma pessoa não possui apenas uma identidade, mas identidades (Tilio, 2009). No caso dos nazistas a identidade que eles buscavam agregava fatores biológicos, geográficos e culturais.

Segunda Fase: Período Moderno (1950-1990)

A segunda fase da vikingmania começou com o pós-guerra. Algumas características e estereótipos românticos ainda se mantiveram nas duas primeiras décadas, mas novas estéticas e formas de se abordar os vikings e sua mitologia, surgiram. No cinema o primeiro destaque foi o filme *The Vikings* (1958), estrelado por Kirk Douglas. Grande produção para época, o filme ainda mantinha elementos românticos, como triângulo amoroso, amor proibido, drama, vingança, cavalheirismo, mas não trazia vikings usando elmos com chifres e passou a investir mais em batalhas e cenas de ação (Teles Filho, 2018).

The Vikings contribuiu para iniciar a fase nos anos de 1960 a 1980 de filmes sobre esse tema, o que incluiu produções europeias feitas na Suécia, Dinamarca e Islândia, mas também em países que não tiveram grande contato com os vikings, como no caso da Itália, em que filmes sobre o tema foram populares na década de 1960¹⁸. Tais produções foram marcadas pela aventura, batalhas e contendo ainda aspectos de romance, drama e exotismo, elementos que faziam parte da medievalidade¹⁹ da época. Mesmo assim, nota-se como a temática era popular naquele tempo (Delgado, 2020).

O cinema também influenciou a televisão nesse período com o lançamento de séries sobre o tema, como o caso de *Tales of the Vikings* (1959), com 39 episódios e produzido pela Brynaprod S.A, produtora do ator Kirk Douglas, no entanto, a série não fez sucesso. No mesmo ano foi lançado a série animada *Noggin the Nog* (1959-1965), produzida pela BBC. Anos depois tivemos a série infantil *Vicky the Viking* (1974-1975), popular na época, inclusive ganhando filmes animados. O interessante dessas primeiras séries, era que se excetuando *Tales of the Vikings*, as demais citadas eram voltadas para o público infantil, diferente das séries mais recentes cujo público são os adultos (Teles Filho, 2018).

Quanto a literatura dessa segunda fase, na década de 1960, despontou a popularização da mitologia nórdica nos quadrinhos, principalmente graças a *Marvel Comics*, com sua versão sobre o deus Thor. O personagem apareceu na revista *Journey into Mystery* #83 (1962), cuja

¹⁸ Apenas em 1961 foram lançados três filmes italianos sobre vikings: *Gli Invasori* (A Vingança dos Vikings), *I Tartari* (Os Bravos Tártaros) e *L'ultimo dei Vichingi* (O último dos Vikings).

¹⁹ Consiste numa representação estereotipada da Idade Média, que geralmente enfatiza seu aspecto de "idade das trevas" ou do fantástico, condição comum nos livros, filmes, seriados, desenhos, jogos e histórias em quadrinhos (Oliveira; Freitas, 2017).

história foi escrita por Stan Lee e seu irmão Larry Lieber e desenhada por Jack Kirby. O destaque para essa publicação foi adaptar a mitologia nórdica para um cenário de ficção científica. Os quadrinhos do Poderoso Thor se mostraram um sucesso, sendo até hoje publicados e contando com filmes lançados na última década (Oliveira, 2014).

Ainda nesse período tivemos outras obras de aventura e fantasia envolvendo vikings como *Viking Prince* (1955), *El capitán Trueno* (1960), *Eric the Norman* (1962), *Erik, the viking* (1965) e *Asterix et les Normans* (1967). Na década de 1970 tivemos o lançamento de três franquias sobre vikings e mitologia nórdica, as quais trouxeram algumas novidades de abordagem para esse tema, o primeiro exemplo é *Hägar the Horrible* (1973) de Din Browne, que consiste numa popular tirinha cômica ainda hoje em publicação. Em seguida citamos *Thorgal* (1977) de Jean Van Hamme e Grzegorz Rosiński, narrativas que retomam a fantasia. Por fim, citamos *Valhalla* (1979) de Peter Madsen, série voltada para o público infantil e centrada na mitologia (Langer; Santos, 2001).

No tocante aos romances, esses começaram a receber obras que buscavam uma verossimilhança, baseando-se em dados históricos²⁰. Calderón (2007) cita alguns livros com essas pretensões como *Eaters of the Dead*²¹ (1976) de Michael Crichton, *The Vikings* (1981) de Elizabeth Janeway, *Greenlanders* (1988) de Jane Smiley, *The Deepset Sea* (1996) de Charles Barnitz e *The War of the Gods* (1997) de Paul Anderson. Segundo Calderón, essa preocupação com um embasamento histórico se deu principalmente devido aos novos estudos sobre vikings surgidos nos anos de 1960 e 1970, motivados pela *National Geographic*, universidades e outras instituições. O que levou tais autores a buscarem algo mais realista e que rompesse com a medievalidade em voga.

Entretanto, na década de 1990, a literatura sobre vikings, que abundava nos Estados Unidos, ganhou um novo estilo chamado “hot historical”, no qual retrata os vikings com corpos atléticos, tórax depilado, imberbes, cabelos curtos ou na altura dos ombros e olhos claros. Aqui tivemos o surgimento do estereótipo do “viking galã”. Nestes livros de narrativa simples, mas cheias de estereótipos e anacronismos, os personagens são aventureiros, piratas

²⁰ A ideia não era novidade, pois anteriormente romances do tipo já tinham sido escritos, como *The thrall of Leif the Lucky, a story of Viking days* (1902) de Otilie A. Liljencrantz e *Röde Orm* (1941-1945) de Frans Gunnar Bengtsson.

²¹ Traduzido no Brasil como *Devoradores de Mortos*, baseado no relato histórico do embaixador árabe Ahmed ibn Fadlan, no século IX. O livro inspirou o filme *The 13th Warrior* (1999).

ou guerreiros, os quais podem apresentar aspectos brutos ou de cavalheirismo, mas o que se destaca nesse tipo de romance é o apelo ao erotismo, o fetichismo sexual e o exótico. Autoras como Johanna Lindsey e Sandra Hill, são nomes de destaque neste estilo, tendo escritos vários romances, que seguem em publicação (Calderón, 2007).

No âmbito da música, os últimos anos da Segunda Fase da Vikingmania testemunharam o retorno da temática viking e de sua mitologia para o cenário musical, anteriormente restrito a ópera e a música clássica. Os vikings retornaram a partir do rock, com um estilo de som pesado, frenético e letras rápidas e em muitas vezes com teor crítico e agressivo. Neste caso, temos alguns exemplos de composições que antecedem o chamado *viking metal*, como a música *Immigrant Song* (1970) do *Led Zeppelin* e a música *Son of the Northern Light* (1978) da banda sueca *Heavy Load*. Porém, foi no final dos anos 1980, principalmente com o *Bathory* e o *Manowar*, que teve início o *viking metal* (Silva; Albuquerque, 2016).

O chamado *viking metal* se originou a partir do *black metal* e do *folk metal*, destacando-se pelo conteúdo de suas letras que abordavam temas sobre vikings, sua história, costumes e crenças. Esse subgênero do *metal* surgiu em meio ao conturbado período das décadas de 1970 e 1980, onde ocorriam protestos políticos e sociais em plena Guerra Fria (1945-1991). Neste sentido, algumas dessas bandas procuravam em suas canções fazerem críticas sociais, políticas e culturais, além de valorizar a representação do viking como guerreiro, bravo, viril, bárbaro, aventureiro e destemido; e as tradições antigas de seus países, especialmente do período pré-cristão, como forma de criticar a sociedade judaico-cristã. Características essas que se mantêm no presente (Helden, 2010).

Na década de 1990, esse subgênero se popularizou, tendo como destaque inicial a banda sueca *Amon Amarth* (1992), ainda hoje famosa neste meio. A temática da vikingmania nesse estilo, também influenciou bandas de *black*, *death*, *heavy* e *folk metal*, na Noruega, Suécia, Dinamarca, Islândia, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e Estados Unidos (Helden, 2010). Dessa forma, através do *heavy metal*, os vikings voltaram a serem populares na música, mas também trouxeram a novidade de não serem um tema apenas utilizado para o entretenimento, algo visto no cinema e na literatura, mas voltaram a serem símbolos de causas políticas, sociais e culturais, algo que não se via desde a década de 1940.

O período moderno também marcou o desenvolvimento do esoterismo rúnico e do neopaganismo nórdico. No quesito do esoterismo, esse baseava-se na chamada magia rúnica,

a qual consiste no uso dos alfabetos rúnicos para realizar encantamentos e feitiços de intuitos diversos, mas normalmente voltado para fins de adivinhação, proteção e sorte. Tal tipo de magia teria surgido no final da Antiguidade ou começo da Idade Média, sendo usado por povos germânicos, celtas e escandinavos de diferentes maneiras. O grande problema é que relatos de como essa magia era utilizada no passado, são quase inexistentes (Macleod; Mees, 2006).

Ainda assim, muitos livros foram publicados nos séculos XX e XXI, alegando conterem ensinamentos genuínos dos tempos antigos, mesmo que isso seja uma informação incorreta. Um dos primeiros livros que se destacou foi escrito pelo ocultista e escritor austríaco Guido von List, intitulado *Das Geheimnis der Runen (O segredo das runas)*, publicado em 1908. Sua obra influenciou outros ocultistas e esotéricos das primeiras décadas do século XX, mas o interesse caiu consideravelmente, retomando na década de 1980 com o movimento da Nova Era (*New Age*), que fomentou o surgimento de novas religiões, movimentos espiritualistas, esotéricos e ocultistas (Langer, 2021c). Aproveitando também a vikingmania, alguns autores passaram utilizar a figura dos vikings para associá-la com seus estudos rúnicos, algo visível nos livros *The Book of Runes: A Handbook for the Use of an Ancient Oracle: The Viking Runes* (1982) de Ralplh Brum e *Futhark: A Handbook of Rune Magic* (1984) de Stephen Flowers.

Também influenciado pelo fenômeno da Nova Era, originou-se na Islândia em 1972, a religião do Ásatrú, hoje já oficializada. O Ásatrú foi a primeira religião neopagã de matriz nórdica a se destacar internacionalmente²², abrindo espaço para que outras religiões como o Vanatrú, Odinismo, *Heathenry*, Paganismo Nórdico (*Nordic Heathnism*), *Forn Sidr*, entre outros grupos menores, também buscassem seu reconhecimento como legítimas religiões que em essência buscam resgatar valores religiosos, morais, filosóficos e espiritualistas da Religião Nórdica Antiga (Strinka; Sigurvinsson, 2005).

Cada uma dessas religiões apresenta maneiras distintas de realizar seus ritos, cultos, de tratar os fiéis, de interpretar saberes antigos, de usar simbolismos, de pensar os deuses e outras divindades. Entretanto tais religiões são a porta de entrada de muitos entusiastas da vikingmania, os quais não apenas interessados em ler sobre a antiga religião dos vikings,

²² O movimento neopagão nórdico remonta ainda ao século XIX, influenciado pelo romantismo. Todavia, em geral eram grupos pequenos, restritos para membros seletos e sem um caráter público ou religioso definido.

também procuram segui-la, mesmo que seja através das reinterpretações contemporâneas as quais abarcam intencionalidades regionais e pessoais (Tsugami, 2019).

A Segunda Fase da Vikingmania também marcou um intenso uso mercadológico envolvendo a figura dos vikings. Christiane Fell (1987) escreveu que na década de 1980 já era possível encontrar uma variedade de produtos que levavam o nome viking, a ponto de a autora achar aquilo demasiadamente exagerado, pois a palavra foi banalizada tornando-se algo genérico para se referir a produtos que não tinham nenhuma ligação com os vikings, porém, devido à popularidade da palavra, isso a fazia ser atrativa²³. Esse dado apontando por Fell nos anos 1980, ainda hoje segue em voga, em que novas marcas com a palavra viking surgiram desde então, mostrando que o uso mercadológico dessa palavra segue forte.

Por outro lado, a palavra viking na Fase Moderna não apenas nomeou produtos e serviços, mas foi usada para nomear entidades esportivas como *Cleveland State Vikings baseball* (1932), o time de basquete dinamarquês *Aalborg Vikings* (1952) e o time de futebol americano *Minnesota Vikings* (1960); projetos científicos como o *Viking Program* e *Viking Project* (1976), ambos da NASA; e instituições como o grupo de intercâmbio universitário *Brittingham Viking Organization* (1952) e o banco russo *Viking Bank* (1988). Esses exemplos apresentados, complementam a fala de Fell, sobre o uso abrangente da palavra viking para fins mercadológicos.

Terceira Fase: Período atual (2000-presente)

A Terceira Fase que é a mais recente, é marcada por uma vikingmania massivamente midiática e mercadológica. Nesses vinte anos tivemos o lançamento de vários livros, histórias em quadrinhos, filmes, jogos e músicas, além da popularização de eventos de temática viking, como também o surgimento de um nicho mercadológico de produtos ligados a vikingmania. Soma-se a isso o uso da internet para criar-se sites, blogs, páginas, comunidades, canais e podcasts para se debater sobre o assunto.

E no caso, salientamos que esses espaços públicos ou privados na web, tem um forte impacto de popularização sobre os produtos, novidades e modas referentes as produções

²³ À guisa de exemplos, temos marcas de fogão, geladeira, utensílios de cozinha, pneus, café, bicicleta, roupa de cama, produtos de barbear, automóveis, brinquedos, bebidas, companhias de viagem, rede de hotéis, embarcações etc. que levam a palavra viking.

artísticas e midiáticas de temática viking. E graças a tais meios de informação, que pessoas de diferentes lugares do mundo podem ter acesso às músicas de bandas de *viking metal* ou *folk metal* nórdico, ter acesso a fotos, vídeos e comentários sobre os produtos consumidos pelos fãs. Além de ser um meio também para atrair novos entusiastas, pois recordando que uma das características da vikingmania é o entusiasmo por tal tema.

Sendo assim, a fase atual foi influenciada pela percepção do chamado neomedievalismo, o qual marca forte presença nas mídias digitais, nas histórias em quadrinhos e nas séries televisivas. Se anteriormente o medievalismo foi influenciado pelo romantismo, em apresentar uma percepção ambígua sobre a Idade Média, entre retratá-la como um período sombrio ou fantástico, o neomedievalismo apresenta influência do pós-modernismo, retratando a Idade Média por uma visão político e sociocultural atual em que se insere nesse mundo medieval fictício, ideias de liberdade, revolução, feminismo, machismo, racismo, xenofobia etc. Além disso, o período medieval baseado numa visão neomedievalista segue sendo retratado de forma fantasiosa, pessimista, realista ou idealizada. Essas diferentes maneiras seguem coexistindo (Coote, 2010).

É importante salientar que as produções referentes aos vikings em diferentes mídias a partir dos anos 2000, tem seguido um caráter bastante voltado para a ação e a violência como entretenimento. Embora tenhamos filmes e histórias em quadrinhos desde o começo do século XX, apresentando batalhas e combates, no entanto, a ênfase num conflito mais bruto e sangrento não era dada. Todavia, as produções atuais destacam esse lado agressivo dos vikings, inclusive sendo algo que reforça o estereótipo deles como bárbaros.

Assim, seguimos nossa explanação sobre o período atual da vikingmania, destacando alguns pontos: o primeiro, é o surgimento de novos quadrinhos sobre o tema, os quais seguem uma proposta de fantasia, ou de um neomedievalismo violento e sombrio. Mas aqui chamamos atenção para *Vinland Saga* (2005), o primeiro mangá dedicado a temática viking. Criado por Makoto Yukimura, a narrativa possui um caráter de realismo histórico, acompanhando no primeiro arco da narrativa, as campanhas do rei Sueno Barba Bifurcada (c. 965-1014) para conquistar a Inglaterra no começo do século XI e depois o início do reinado de Canuto II, o Grande (Danesin, 2017).

No caso, destacamos essa produção em particular, pois enquanto outros quadrinhos como *Pathfinders* (2006), *Northlanders* (2007) e *Vikings* (2009), consistem em produções

ocidentais, temos o peculiar caso de uma produção japonesa que atende um nicho totalmente diferente dos quadrinhos americanos e europeus, na qual a temática abordada são os vikings, tema inclusive pouco familiar aos japoneses. Ainda assim, *Vinland Saga* segue em produção contínua por quinze anos. O que revela até onde vai o alcance recente da vikingmania, passando a ser presente entre um público bem heterogêneo (Danesin, 2017).

Um segundo aspecto que mencionamos brevemente é a produção cinematográfica, onde nota-se uma grande quantidade de filmes sobre vikings²⁴, baseando-se em estereótipos atuais, que geralmente os representam usando muitas peles de animais, armaduras fictícias, tatuagens, cortes de cabelo inexistentes no período, mulheres guerreiras usando trajes apertados que destacam suas curvas corporais, feiticeiros sombrios, ritos sangrentos, personagens voltados essencialmente para ação, os quais possuem características de força, bravura e masculinidade, além de invocar o bárbaro, ora impiedoso ou o aventureiro audaz. Sublinha-se que essa visão atual é encontrada também nos seriados, livros, histórias em quadrinhos, jogos e músicas, o que revela ser uma outra forma como os vikings são vistos pelas representações da vikingmania hoje em dia (Ponce, 2016).

Influenciada por essa estética dos filmes estão os seriados *Vikings* (2013-2020) criado por Michael Hirst e *The Last Kingdom* (2015-presente), baseado na série literária *Crônicas Saxônicas* (*The Saxon Stories*) de Bernard Cornwell²⁵. Destaca-se que nestes dois seriados, encontramos vikings inseridos num contexto histórico, mas que apresenta anacronismos e estereótipos, reflexo do neomedievalismo. Ainda assim, tais produções influenciaram bastante as representações visuais atuais, principalmente associado com a moda, como veremos adiante e com a imagem da mulher guerreira, algo bastante popularizado principalmente pela personagem da Lagertha, na série *Vikings* (Oliveira, 2021).

Quanto aos videogames, os jogos produzidos sobre a temática viking, tendem a seguir quatro tipos de orientação claramente baseadas no neomedievalismo: a) jogos baseados na mitologia nórdica como *Valkyrie Profile 2* (2006), *Jotun* (2015) e *God of War* (2018); b) jogos focados na ação e que possuem alguns elementos fantásticos, como *Vikings: Wolves of*

²⁴ Entre 2010 e 2020 tivemos mais de vinte lançamentos sobre o tema. Sendo possível conferir listas em sites especializados ou no IMDb: https://www.imdb.com/find?q=vikings&s=tt&ref=fn_al_tt_mr.

²⁵ As *Crônicas Saxônicas* de Cornwell são na atualidade a série literária sobre vikings mais longeva, tendo sido lançada em 2004 e estando ainda em produção, já contando com doze volumes.

Midgard (2017), *Hellblade: Senua's Sacrifice* (2017) e *Assassin's Creed: Valhalla* (2020); c) jogos com elementos históricos como *Medieval: Total War – Viking Invasion* (2003), *Sid Meier's Civilization V: Denmark – The Vikings* (2013) e *Total War Saga: Thrones of Britannia* (2018); d) jogos que abordam aspectos da cultura viking e de sua mitologia como parte da narrativa, cenários e personagens, algo visto em *The Elder Scrolls V: Skyrim* (2012), *The Witcher 3: Wild Hunt* (2015) e *For Honor* (2017). Sublinha-se que nessas produções, com exceção dos jogos históricos, os demais são produções totalmente fictícias, que inclusive contém alto nível de elementos estereotipados, mesmo *Assassin's Creed: Valhalla* se inclui neste aspecto.

No campo da música, ainda temos a presença do *viking metal* que se desenvolveu desde o final da década de 1980, tendo se consolidado nos últimos vinte anos. Entretanto, salientamos que para além desse subgênero voltado a temática viking, despontou nos últimos anos o *folk metal* escandinavo e a *norse folk music*, as quais ambas têm em comum abordarem temas sobre a Era Viking, seus costumes, crenças e mitos, para fins de exaltação a ancestralidade, a história nacional, a cultura, costumes, religião e identidade. Se o *nordic black metal* e o *viking metal* já tinham esses aspectos, os dois subgêneros de *folk* também fazem o mesmo, mas apresentando uma sonoridade menos agressiva (Walsh, 2013; Marjenin, 2014).

Quanto aos festivais, esses perfazem outro aspecto da vikingmania atual, que vem ganhando espaço em alguns países. No século XIX já ocorriam festas com temática viking, mas essas eram restritas a elite escandinava, britânica, alemã e estadunidense. E algumas eram até promovidas por artistas e políticos (Lönnroth, 1997). No entanto, no século XXI, as festas de temática viking se tornaram festivais inspirados nas feiras medievais, alguns estando vinculados a museus vikings²⁶. Estes festivais contam com lojas, grupos recreacionistas, espetáculos musicais, apresentações de contação de história, de *living history* e até encenação de batalhas. Nestes eventos, os organizadores costumam trajar-se com roupas do período da Era Viking, e alguns dos visitantes também vão vestidos a caráter. Cenários baseados em casas, fazendas, oficinas, salões e mercados são construídos para criar uma ambientação histórica imersiva (Hannam; Halewood, 2006).

Sobre tais eventos, o antropólogo Gunnar Jóhannesson (2010) comenta que vemos uma valorização da história local, como forma de instruir as novas gerações, de entreter, de

²⁶ Citamos o Festival Viking do *Loftr Vikingmuseum*, na Noruega, o Festival Viking Jorvik do *Jorvik Viking Centre*, na Inglaterra, o Festival Viking de Trelleborg do *Trelleborgs Museum*, na Suécia.

compartilhar ideias, de fazer amizade, além de movimentar também o comércio e o turismo. Mas, nos países ou cidades onde não existem tais festivais, o que vem ocorrendo nos últimos anos, são as feiras vikings, que consistem em eventos menores, centrados em lojas que vendem produtos diversos. Essas feiras existem em países como Estados Unidos e até mesmo no Brasil. Nestas feiras podem haver também apresentações musicais, teatrais, mas em menor escala.

Um último ponto que destacamos, diz respeito novamente ao uso da representação dos vikings para fins de identidade. No caso, uma identidade mais voltada para o individual do que para o coletivo, como foi visto ao longo do XIX e nas primeiras décadas do século XX. Neste sentido, Hannam e Halewood (2006) já comentavam que os festivais vikings começaram a incorporar uma noção de pertencimento a um grupo, de uma comunidade, de uma “tribo”.

A ideia de pessoas se associando a “grupos vikings” não é recente, pois, a alta sociedade e a classe artística do século XIX, na Escandinávia, Inglaterra, Alemanha e parte dos Estados Unidos já fazia isso, onde havia os clubes vikings, as sociedades neopagãs, as festas temáticas em que pessoas iam vestidas segundo os padrões da época, disseminados nas pinturas, teatro e ópera. Dessa forma via-se homens e mulheres trajados como vikings. Inclusive surgiu também nesse período uma “decoreação viking” ou “estilo viking romântico”, com móveis e objetos decorativos para as mansões (Lönnroth, 1997). Tudo isso era reflexo do *Vikingism*, o qual foi ironizado pelas escritoras Somerville e Martin, como comentado no início deste artigo.

Porém, esse interesse perdeu-se no começo do século XX, sendo retomando nas últimas décadas, mas com algumas mudanças. Nesse quesito é preciso salientar que algumas pessoas que se vestem hoje como vikings, o fazem por conta do entusiasmo para participar de eventos da cultura geek, festas a fantasia ou de festivais vikings. Por outro lado, há as pessoas que se vestem dessa forma por fazerem parte de grupos recriacionistas ou de *living history*, apresentando estudos, pesquisas e trabalhos nos campos da história e arqueologia. E temos um terceiro tipo, os quais são os adeptos da “moda viking contemporânea”.

Sobre isso, recorreremos ao sociólogo francês Michel Maffesoli (1998), que na década de 1980, cunhou o termo tribo urbana, para designar os movimentos culturais e identitários surgidos nas grandes cidades ocidentais no século XX, os quais em geral eram vinculados a uma população jovem masculina, descontente com a realidade local ou nacional, os quais também procuravam se opor ao conservadorismo moral e cultural da época, agindo num

sentido de contracultura, e com isso, eram vistos como sendo rebeldes e marginais pelo restante da sociedade. Em outro aspecto, essas “tribos urbanas” também surgiram em torno de estilos musicais e de esportes.

Embora o conceito de “tribo urbana” de Maffesoli, seja criticado por alguns estudiosos, no entanto, o usamos para abordar o que chamamos de “viking urbano”²⁷, os quais são adeptos de um “estilo de vida viking”²⁸, que consiste num entusiasta da Vikingmania, que não apenas consome produtos ligados a essa cultura midiática, mas também adota características identitárias, passando a utilizar cortes de cabelo, tranças e barba; roupas, acessórios e tatuagens baseados na cultura dos vikings. Algo principalmente influenciado por filmes e séries atuais.

Além da adoção deste visual, o “viking urbano”, também passou a utilizar apelidos baseados em nomes reais ou fictícios, associados a vikingmania ou a mitologia nórdica, havendo casos de pessoas que nomeiam os filhos com tais nomes. Estas pessoas também passaram a frequentar festivais, feiras e eventos relacionados a temática viking, dando preferência para se vestir com roupas de época; fazer parte de grupos que estudam magia rúnica, ou aderem a alguma religião neopagã nórdica, no intuito de reforçar sua conexão²⁹. Outros até alegam serem descendentes de escandinavos para confirmar o motivo de gostarem e simpatizarem com a vikingmania.

Todavia, essa “tribo urbana” também possui seu lado negativo. Neste ponto, temos o caso de supremacistas brancos, neonazistas, neofascistas etc. fazendo uso de discursos do século XIX ou da época do Nazismo³⁰. Estas pessoas defendem uma visão racial no qual tem na figura dos vikings como um modelo de uma “raça viking”, ou “raça nórdica” e de uma

²⁷ O termo viking urbano já existe há alguns anos, tendo ganhado destaque por conta da popularidade dos seriados e filmes sobre o assunto. Sendo normalmente utilizado no âmbito da moda.

²⁸ Propusemos esse conceito nos inspirando na ideia do *western lifestyle* e *urban cowboy*, surgidos nos EUA, ao longo do século XX. As pessoas que seguem estes estilos, passam a se vestir como caubóis, gostam de portar armas, andar a cavalo, apreciam música country etc. Este estilo gerou a moda country, inclusive adotada no Brasil, em alguns estados.

²⁹ Em 2014 foi criado na Suécia o *Nordiska Asa-samfundet* (NAS), uma organização que busca promover a religião Asatrú e as crenças culturais e históricas do país, além de manter contato com outros grupos neopagãos nórdicos. Mais informações do grupo podem ser acessadas no site deles: <https://asa-community.se/>.

³⁰ Como exemplo temos o *Nordiska motståndsrörelsen* (Movimento de Resistência Nórdica) e o *Vinlanders Social Club*, que apesar de difundirem ideários retrógrados, intolerantes e até mesmo proibidos em alguns países, ainda assim, eles conseguem apoio e se difundem através da internet.

“pureza racial”. Todavia, nos últimos anos tais discursos vêm sendo combatidos, como o movimento *Viking Against Racism*, que procura lutar contra o crescimento de ações racistas e xenofóbicas que são amparadas nas representações da vikingmania (Castle; Parsons, 2019).

Considerações finais

Após esse percurso ao longo de 220 anos sobre a Vikingmania, podemos iniciar nossas conclusões, apontando que enquanto a Egitomania foi popular ao longo do XIX, mas perdeu entusiastas nas primeiras décadas do XX, vindo a perder relevância, a Vikingmania manteve-se firme nesses dois séculos, tendo se readaptado várias vezes (ver quadro 1). Sobre isso, vimos que foi através do Romantismo Nórdico que se deu início a valorização da imagem do viking e de seus deuses, servindo como elementos de enaltecimento de um passado supostamente glorioso, marcado pelas conquistas militares, expansões territoriais e descobertas durante a Era Viking. Essa visão romântica foi compartilhada pelo Romantismo inglês, alemão, francês e russo, em que cada um contribuiu de alguma forma em estereótipos positivos ou negativos para a figura do viking.

Neste ponto, tivemos a origem do viking como herói nacional, não apenas dos países escandinavos, mas até mesmo da Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Rússia e dos Estados Unidos. Uma figura que agregava valores como força, coragem, honra e determinação, somados a imagem de aventureiro, guerreiro, pirata, desbravador e conquistador. Em que se nota a prevalência de estereótipos positivos, o que destoa do senso comum de que os vikings sempre foram vistos como bárbaros e de forma negativa.

E a respeito desses estereótipos positivos, em nosso estudo percebeu-se o destaque para determinadas características e virtudes que eram mais enfatizadas em determinados países do que em outros. Por exemplo, na Dinamarca, Noruega e Suécia, os vikings eram bastante lembrados como navegantes, piratas, guerreiros e até agricultores e mercadores. Por sua vez, na literatura russa enfatizou-se seu lado marcial e de conquista. Já os ingleses e irlandeses deram atenção ao viking como pirata, aventureiro, invasor e conquistador. Os alemães e franceses o enxergavam como o resquício do “bom selvagem”, lhes concedendo aspectos de cavalheirismo e honra, apesar de tratarem eles também como invasores. Nos Estados Unidos a imagem do navegador, guerreiro e descobridor esteve em maior destaque, principalmente

por conta dos interesses nacionalistas de defender uma colonização nórdica ali. Algo visto com as ideias defendidas no Brasil, em que prevaleceu a imagem do viking como explorador.

Quadro 1: Estereótipos comportamentais e visuais dos vikings ao longo da Vikingmania.

Período	Décadas	Estereotipo comportamental	Estereotipo visual
Romantismo	1800-1850	Aventureiro, pirata, desbravador, guerreiro, mercador, fazendeiro, colonizador, herói romântico, herói ancestral, coragem, liberdade, irmandade, cavaleirismo	Elmos com asas, lisos, com ponta ou outros adornos, Barba curta, bigode ou imberbe trajes romanos, cota de malha, trajes medievais anacrônicos, vestes do século XVIII ou XIX
	1850-1930	Aventureiro, pirata, invasor, guerreiro, sequestrador, estuprador, bárbaro, pagão, herói romântico, herói ancestral violência, bravura, irmandade	Elmos com chifres ou com asas, barba hirsuta, trajes com peles de animais, torso desnudo, trajes medievais anacrônicos, trajes do século XVIII ou XIX
	1930-1940 (nazismo)	Guerreiro, herói ancestral, coragem, honra, irmandade, lealdade, pureza racial	Elmos lisos, cota de malha, túnica, rostos imberbes, cabelos louros e olhos claros
Moderno	1950	Aventureiro, desbravador, guerreiro, herói romântico, liberdade, coragem, irmandade	Elmos lisos ou sem elmo, cabelos curtos, barbas curtas ou imberbes Trajes medievais fictícios
	1960-1990	Aventureiro, desbravador, guerreiro, invasor, bárbaro, liberdade, coragem, irmandade, rudeza, cultura e religião exótica	Elmos lisos ou sem elmo, cabelos curtos, barbas curtas ou imberbes Trajes medievais fictícios
	1980-1990 (viking metal)	Aventureiro, desbravador, guerreiro, invasor, bárbaro, coragem, irmandade, masculinidade, virilidade símbolo de ancestralidade símbolo de resistência	Cabelos longos e escuros Barba curta ou imberbe Corpos musculosos Aspecto bárbaro, bruto e sombrio
	1990 (hot historical)	Aventureiro, desbravador, pirata, guerreiro, bravura, sedutor, virilidade, masculinidade, dominador, fetichismo sexual	Corpos atléticos, rosto belo, imberbe ou barba curta, cabelos longos ou curto, e geralmente claros, olhos azuis ou castanhos

Atualidade	2000-presente	Guerreiro, invasor, bárbaro, saqueador, aventureiro, mulheres guerreiras, religião sombria, coragem, violência, ferocidade, rudeza, liberdade, masculinidade, virilidade	Geralmente não usam elmos Cabelos longos ou curtos, cabeça raspada, tranças, barba hirsuta ou imberbe trajes medievais, trajes de pele de animais, cota de malha, armaduras fictícias tatuagens
------------	---------------	--	--

Fonte: produzido pelo autor.

O quadro 1 apresentado na página anterior, sintetiza as principais características comportamentais, morais e estéticas atribuídas aos vikings ao longo da Vikingmania. Nota-se que ao longo desses dois séculos, estereótipos positivos e negativos coexistiram, sendo ora mais enfatizados ou não. Anteriormente citamos o caso dos estereótipos positivos, mas a visão negativa também foi marcante em dados momentos apresentando-os como bárbaros, pagãos, incultos, invasores, assassinos, estupradores, piratas³¹ e saqueadores. Nesse caso, alguns autores ingleses, alemães e franceses enfatizaram o aspecto mais pernicioso, bruto e bárbaro dos vikings.

De qualquer forma, essas duas formas de se perceber os povos nórdicos da Era Viking, coexistiram ao longo da primeira fase e ainda hoje existem, mesmo que com algumas diferenças devido a resignificação fomentada pelo neomedievalismo. Neste caso, as produções atuais enfatizam o lado bárbaro dos vikings, não necessariamente sendo algo ruim, mas como sendo uma forma de valorizar o neopaganismo e até fomentar ideários de resistência e contracultura, utilizando-se dos vikings para isso, algo surgido com o *viking metal* na década de 1980. Por outro lado, a imagem do bárbaro também serve hoje para expressar a ideia de masculinidade e virilidade, além de serem utilizadas para justificar a violência como entretenimento nessas produções. Isso acabou reforçando antigos estereótipos dos vikings como bárbaros sanguinários e brutos. Algo inclusive visto nas capas dos álbuns de algumas bandas de *viking metal*, claramente inspiradas na figura de Conan, o Bárbaro.

No quesito do visual, nota-se pelo quadro 1, como algumas características básicas ainda se mantém mesmo duzentos anos depois. Uma delas diz respeito a questão da barba. Embora

³¹ Embora os piratas fossem criminosos, a percepção que se tinham deles era ambígua, ora tratando-os como bandidos cruéis ou aventureiros que desafiavam as autoridades e o sistema. Tais ideias foram agregadas aos vikings.

as produções dos últimos vinte anos enfatizam vikings barbudos, no entanto, em muitas representações eles apareciam imberbes ou só de bigode. E essa é uma estética que remonta ainda ao início do século XIX. Por outro lado, a terceira fase trouxe alguns aspectos novos para o visual dos vikings: cabeças raspadas, tranças e as tatuagens. Em alguns filmes do século XX via-se vikings carecas, tranças nos cabelos ou na barba, mas o uso de tatuagem era inexistente, sendo uma representação que ganhou destaque nas últimas duas décadas a tal ponto que hoje já exista um estilo viking de tatuagens, havendo tatuadores especializados para isso.

A série *Vikings* contribuiu para popularizar tais tatuagens, fato esse, que filmes, jogos e ilustrações após o lançamento desse seriado, passaram a apresentar homens e mulheres tatuados. Esse emprego da tatuagem é tão significativo no visual da terceira fase, que algumas tatuagens concedem um aspecto mais bruto para os vikings.

Ainda sobre o visual, salientamos que a partir dos anos 2000, a maioria das representações dos vikings, os retratam sem elmos. Embora isso ocorra desde a pintura do século XIX, e o próprio fato que no filme *The Vikings* (1958), os protagonistas já não usassem elmos, na atualidade tal aspecto se tornou bem recorrente. Além disso, sublinha-se que elmos com asas foram algo predominante do período romântico, o mesmo para os elmos com chifres. Por outro lado, o elmo com chifres apesar de não aparecer mais em filmes, ele ainda existe, aparecendo em algumas ilustrações, histórias em quadrinhos, videogames e em propagandas.

Outro aspecto a ser destacado, o qual foi pouco comentado, diz respeito a cultura, sociedade e religião. No Romantismo tais elementos foram bastantes associados aos celtas e germânicos, tratando-os principalmente como povos rurais, guerreiros e “poucos civilizados”, por sua vez, sua religião nesse período era vista como estando associada a natureza e envolta em mistério. Todavia, quando passamos para o período moderno, alguns aspectos mudaram. A cultura e a sociedade ainda seguiam sendo vistas de forma bárbara e sua religião começou a ganhar um tom mais exótico e sombrio. Fato esse que nos filmes da década de 1950 a 1980, temos exemplos marcantes disso. E esse estereótipo ainda hoje se conserva nas produções atuais, em que vemos uma cultura e sociedade ainda impregnados por um pensamento de barbarismo e uma religião envolta no sombrio, realizando sacrifícios humanos e ritos sanguinários, o que reforçam o estereótipo do bárbaro e incivilizado.

Um outro estereótipo que se tornou marcante e formalizou-se recentemente foi o caso das mulheres guerreiras. No século XX existem algumas poucas produções que já

apresentavam vikings guerreiras como a série de romances de Val Manning³². Todavia, eram casos pontuais. Porém, nos últimos dez anos por conta de estudos arqueológicos e históricos realizados com base em esqueletos de mulheres que supostamente teriam sido guerreiras, se popularizou o debate sobre a existência de vikings guerreiras, logo, as artes e a mídia se aproveitaram disso.

Por conta disso, o interesse em mulheres guerreiras cresceu consideravelmente, gerando estereótipos próprios, principalmente difundido em filmes, seriados e histórias em quadrinhos. E dentre as características surgidas destacamos um empoderamento feminino inexistente na Era Viking, uso de maquiagem pesada em torno dos olhos, tatuagens, uso de armaduras fictícias que acentuam seu busto e batalhões de mulheres. Tais características são reflexos do neomedievalismo e padrões midiáticos atuais.

Mas além da construção desses estereótipos, o período romântico também ajudou a popularizar os vikings e seus mitos nas artes plásticas, literatura e música, de maneira que ao longo de mais de cem anos essa temática esteve em voga, alcançando até mesmo os Estados Unidos e o Brasil, inseridos em teorias de interesse nacionalista, algo retomado nas últimas décadas³³.

Mas com o término da Segunda Guerra, findou-se o período romântico e teve início a segunda fase, a qual foi marcada pela popularização de filmes de aventura, histórias em quadrinhos de fantasia e músicas. Viu-se também o surgimento de novas formas de retratar essa cultura, o qual começou a se desprender das influências românticas dominantes até a década de 1940, passando a adotar a fantasia medieval, a ficção científica e o romance histórico. Nestes três estilos, os vikings foram sendo retratados como homens de ação, intrépidos aventureiros e em alguns casos, ainda conservavam comportamentos e visuais de bárbaros.

No entanto, o século XX trouxe dois exemplos bem interessantes que agregaram novas formas de se ver os vikings. O primeiro diz respeito ao uso dessa representação cultural para a comédia, a sátira e a ironia, algo visto com *Hagar, o Horrível*, *Asterix*, *Valhalla*, *Vicky*, *o Viking*

³² Os romances são: *Daughter Of The Norse Gods* (1973), *Queen of the Dragon Ships* (1977), *Swanmaiden Queen* (1978), *Viking Queen* (1978) e *Falcon Queen* (1979).

³³ Na última década intensificou-se defensores de Vinland, nome em nórdico antigo para se referir a um dos territórios ocupados brevemente pelos vikings na América do Norte. Os defensores da teoria da presença nórdica nos EUA, se dividem entre o entusiasmo e o fanatismo. Ver <https://www.washingtonpost.com/posteverything/wp/2017/05/31/white-supremacists-love-vikings-but-theyve-got-history-all-wrong>. Acesso 12 de janeiro de 2021.

e outras produções de histórias em quadrinhos e desenhos animados. Já o segundo exemplo foi desenvolvido para o público adulto e feminino, tratando-se dos chamados “hot historical”, os quais consistem em romances eróticos. Apesar de serem obras majoritariamente sem ilustrações, mas as capas são bem chamativas, enfatizando o viking como um galã sedutor.

O período moderno da Vikingmania também foi uma época na qual o neopaganismo nórdico se desenvolveu, assim como, cresceu e consolidou-se o estudo da magia rúnica e do esoterismo nórdico. Foi também nesse período que a palavra viking passou a ser utilizada para diversos fins distintos como produtos, marcas, estabelecimentos, publicações, times esportivos, instituições, organizações etc. Ainda hoje a palavra continua sendo usada para tais finalidades, revelando que sua popularidade continua em alta.

Nos anos de 1980 e 1990 testemunhou-se o retorno da temática sobre vikings e mitologia nórdica ao cenário musical, com o surgimento do *viking metal* e com bandas de *folk metal*, as quais se popularizaram nos últimos trinta anos. Foi através da música que essas ideias voltaram a serem utilizadas para fins identitários, onde nessas canções, os vikings passaram a expressar elementos de liberdade, coragem, força, honra, rebeldia, masculinidade e virilidade, algo que combinava com contexto histórico da época e cujos estereótipos ainda hoje são mantidos e até inspiram a moda do “estilo viking urbano”.

Quando adentramos ao século XXI, o qual consiste na terceira fase, os últimos vinte anos deste período atual, marcaram uma massificação da Vikingmania com a expansão de produtos e produções, a criação de eventos e festivais vikings, e o estabelecimento do que chamamos de “tribo do viking urbano” e do “estilo de vida viking”, que consiste no indivíduo influenciado por filmes e seriados, em que a pessoa adota visual, gostos e até mesmo costumes e crenças advindos dessas representações. Entretanto, alguns membros dessas comunidades defendem ideários preconceituosos sobre os vikings. Assim, observa-se dessa forma, o retorno do uso dos vikings para fins nacionalistas e preconceituosos, algo visto no período romântico.

Além disso, observou-se que desde seu início a Vikingmania não esteve restrita apenas a Escandinávia e a Inglaterra, no entanto, nos séculos XX e XXI, observamos como a Vikingmania alcançou outros territórios, fosse através do cinema com filmes produzidos na Itália, ou o mangá *Vinland Saga*, um produto de origem japonesa. Ambos os casos são alguns exemplos de como essa representação conseguiu transpor fronteiras, condição essa que além das artes, mídias e produtos, temos hoje em dia, grupos de pesquisa sobre o tema, em países

como México, Brasil, Índia, China, Coréia do Sul, Japão e Austrália, nações que não tiveram nenhuma conexão histórica com os vikings, no entanto, a influência da Vikingmania se faz presente³⁴, revelando sua capacidade de adaptação para diferentes públicos e culturas.

Referências Bibliográficas:

- ABBAGNANO, Nicola. Senso comum. In: *Dicionário de filosofia*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, p. 873-874.
- ALBUQUERQUE, Mauricio da Cunha. *Por Trás da Capa e da Espada: O Neomedievalismo em “Príncipe Valente” (1939 – 1940)*, de Hal Foster. Dissertação de Mestrado em História, Universidade Federal de Pelotas, 2019.
- BRAGANÇA Jr, Álvaro Alfredo. O início da escandinavística em língua alemã: *An Die Nordische Dichtkunst (À Poesia Nórdica)*, de Friedrich David Gräter (1789). *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 3, p. 701-709, 2020.
- CALDERÓN, María José Gómez. Romancing the Dark Ages: The Viking Hero in Sentimental Narrative. *Bolletín Millares Carlo*, n. 26, 2007, p. 287-297.
- CASTLE, Tammy; PARSONS, Tara. Vigilante or Viking? Contesting the mediated constructions of Soldiers of Odin Norge. *Crime, Media, Culture*, v. 15, n. 1, 2019, p. 47-66.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A história Concisa da Literatura Alemã*. Tradução Pedro Almeida. São Paulo: Faro Editorial, 2013.
- CEDERLUND, Carl Olof. The modern myth of the Viking. *J Mari Arch*, n. 6, 2011, p. 5-35.
- COOTE, Lesley. A Short Essay about Neomedievalism. In: FUGELSON, Karl (ed.). *Defining Neomedievalism(s)*, vol. 1. Cambridge: D. S. Brewer, 2010, p. 25-33. (Studies in Medievalism XIX). 2v
- CÓRDOVA, Daniel Salinas. Vikings na literatura. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. Hedra: São Paulo, 2018a, p. 734-739.

³⁴ O *Nordics.info* da Aarhus University, possui um mapa que mostra a localização de grupos de estudos sobre vikings e escandinavos, pelo mundo. É possível consultar os países mencionados, no site: https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1H_gp9TAKagaE8cwnTwmwWX20R9roSgzU&ll=26.81160208363486%2C14.880745649999966&z=2. No caso do Brasil, o Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE) é o único exemplo do país e da América Latina, registrado neste site.

- DANESIN, Maxime. Beyond Time & Culture: The Revitalisation of Old Norse Literature and History in Yukimura Makoto's Vinland Saga. *Mutual Images*, vol. 2, 2017, p. 184-217.
- DELGADO, Alberto Robles. Proyectando la Historia: un recorrido por la cinematografía vikinga. *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 3, p. 548-561, 2020.
- EHRlich, Eugene Gorton Carruth. *The Oxford Illustrated Literary Guide to the United States*. New York: Oxford University Press, 1982.
- FRANK, Roberta. The Invention of the Viking Horned Helmet. In: DALLAPIAZZA, Michael; HANSEN, Olaf; SORENSEN, Preben Meulengracht; BONNETAIN, Yvonne (eds.). *International Scandinavian and Medieval Studies in Memory of Gerd Wolfgang Weber*. Trieste: Parnaso, 2000, p. 199-208.
- FELL, Christine E. Modern English Viking. *Leeds Studies in English*, n. 18, p. 111-123, 1987.
- HALL, Stuart. *Cultura e Representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- HANNAM, Kevin; HALEWOOD, Chris. European Viking themed festival: an expression of identity. *Journal of Heritage Tourism*, v. 1, n. 1, 2006, p. 17-31.
- HELDEN, Imke Von. Barbarians and Literature: Viking Metal and its Links to Old Norse Mythology. In: SCOTT, Niall W. R; HELDEN, Imke Von. *The Metal Void: First Gatherings*. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2010, p. 257-264.
- HEYWOOD, Andrew. *Ideologias políticas: Do liberalismo ao fascismo*. São Paulo: Atica Editora, 2010.
- HILTON, James L; HIPPEL, William von. Stereotypes. *Annual Review of Psychology*, v. 47, 1996, p. 237-271.
- HOCHMAN, A. Of Vikings and Nazis: Norwegian contributions to the rise and the fall of the idea of a superior Aryan race. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, n. 54, p. 84-88, 2015.
- JÓHANNESSON, Gunnar Thór. Emergent Viking: the social ordering of tourism innovation. *Event Management*, v. 14, p. 1-14, 2010.
- LANGER, Johnni. Horned, barbarian, hero: the visual invention of the Viking through European art (1824-1851). *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* 4, 2021a, p. 131-180.
- LANGER, Johnni. Imagining national belief through art: Old Norse Religion and the Vikings in J. L. Lund's painting "Nordisk offerscene fra den Odinske periode" (sacrificial scene

- from the period of Odin, 1831), *RHAC: Journal of Art History and Culture* vol. 2, n. 1, p. 6-26, 2021b.
- LANGER, Johnni. Sete erros históricos sobre runas e magia rúnica. In: LANGER, Johnni (ed.). *Guia da Escandinávia Medieval: Fontes, temas, métodos, pós-graduações, bibliografias e viagens*. João Pessoa: Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, 2021c, p. 151-176.
- LANGER, Johnni. Viking. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. Hedra: São Paulo, 2018, p. 706-717.
- LANGER, Johnni. Fé, exotismo e macabro: algumas considerações sobre a religião nórdica antiga no cinema. *Ciências da Religião: história e sociedade*, São Paulo, v. 13, n. 2, jul./dez. p. 155-180, 2015.
- LANGER, Johnni. Vikings, cultura e religião: o mito arqueológico nórdico nos Estados Unidos. *O Olho da História*, Salvador (BA), n. 18, 2012.
- LANGER, Johnni. Vikings no Brasil? *Nossa História*, v. 1, n. 3, p. 22-25, 2004.
- LANGER, Johnni. The origins of the imaginary viking. *Viking Heritage Magazine*, v. 4, n. 2, p. 6-9, 2002.
- LANGER, Johnni, SANTOS, Sérgio Ferreira dos. Fúria odínica: a criação da imagem oitocentista sobre os vikings. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 25, p. 214-230, 2001.
- LANGER, Johnni; MENINI, Vitor Bianconi. A invenção literária do nórdico: Vikingen (O Viking), de Erik Gustaf Geijer (1811). *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 3, p. 709-738, 2020.
- LJØGODT, Knut. "Northern Gods in Marble": The romantic rediscovery of Norse Mythology. *Romantik*, n. 1, p. 141-165, 2012.
- LÖNNROTH, Lars. The Vikings in History and Legend. In: SAWYER, Peter. *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 1997, p. 233-244.
- LUPI, João Eduardo. Wagner e os Mitos Nórdicos. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. São Paulo: Hedra, 2015, p. 559-563.
- MACLEOD, Mindy & MEES, Bernard. *Runic amulets and magic objects*. London: The Boydell Press, 2006.
- MAFFESSLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MANCINI, J. M. Discovering Viking America. *Critical Inquiry*, n. 28, p. 868-907, 2002.

- MARINAS, Enrique Santos. El mito del varego en el Romanticismo Ruso: Песнь о Вещем Олеге (El Cantar de Oleg el Previsor), de Aleksandr S. Pushkin (1822). *Scandia: Journal of Medieval Norse Studies*, n. 3, p. 739-752, 2019.
- MARJENIN, Peter. *The metal folk: The impact of music and culture on folk metal and the music of Korpiklaani*. Ohio: Kent State University, 2014.
- OLIVEIRA, Beatriz dos Santos; FREITAS FILHO, Mario Marcio. A Idade Média no Cinema: uma (re)visão do Imaginário Ocidental. *Revista ComparArte*, Rio de Janeiro, v. 01, n. 01, p. 142-150, Jan.-Jun 2017.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. História, Anacronismos e Ficção na série Vikings. In: LANGER, Johnni (ed.). *Guia da Escandinávia Medieval: Fontes, temas, métodos, pós-graduações, bibliografias e viagens*. João Pessoa: Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos, 2021, p. 286-311.
- OLIVEIRA, Leandro Vilar. Thor – do mito a super-herói: a reinvenção moderna do deus nórdico do trovão. *História, Imagem e Narrativas*, n. 18, p. 1-30, 2014.
- PONCE, Ariel Gómez. El retorno de los bárbaros. Frontera semióticas y desmitificación de complejos culturales en la figura del vikingo. *Revista de Culturas y Literaturas Comparadas*, v. 6, p. 1-15, 2016.
- PROST, Antoine. *Doze lições sobre a História*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Autêntica, 2008.
- ROSS, Margaret Clunies; LÖNNROTH, Lars. The Norse Muse Report from an International Research Project. *Alvíssmál*, n. 9, 1999, p. 3-28.
- SILVA, Danielle Galindo Gonçalves; ALBUQUERQUE, Mauricio da Cunha. Para uma recepção do medievo: a temática viking no heavy metal (1988-1990). *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 230-261, 2016.
- SJÅVIK, Jan. *Historical Dictionary of Scandinavian Literature and Theater*. Lanham: The Scarecrow Press Inc, 2006.
- STRIMSKA, Michael F; SIGURVINSSON, Baldur A. Asatru: Nordic Paganism in Iceland and America. In: STRIMSKA, Michael F (ed.). *Modern Paganism in World Cultures: comparative perspectives*. Santa Barba: ABC-CLIO, 2005, p. 127-180.
- TATOMIR, Renata. Egyptomania in Antiquity and in Modern World Literature. Imaginary, Intercultural Context and Mentality. *ARHIPELAG XXXI Press*, p. 556-581, 2015.

- TELES Filho, Elvio Franklin Menezes. Vikings no cinema. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. Hedra: São Paulo, 2018a, p. 767-774.
- TELES Filho, Elvio Franklin Menezes. Vikings na televisão. In: LANGER, Johnni (org.). *Dicionário de história e cultura da Era Viking*. Hedra: São Paulo, 2018b, p. 752-757.
- TEULIÉ, Gilles. Henry Rider Haggard's Nordicism? When Black Vikings fight alongside White Zulus in South Africa. *E-Rea: Revue Électronique d'Études sur le monde Anglophone*, v. 18, n. 1, 2020.
- TILIO, Rogério. Reflexões acerca do conceito de identidade. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*, v. VIII, n. XXIX, p. 109-119, 2009.
- PORSTEINSSON, Björn. Some observations on the discoveries and the cultural history of the Norsemen. *Saga-Book*, vol. 16, p. 173-191, 1962-1965.
- TSUGAMI, Susan Sanae. *Deus para mim é Odin: O paganismo nórdico contemporâneo no Brasil*. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba, 2019.
- WALSH, Ashley. "A great heathen fist from the North". Vikings, Norse Mythology, and Medievalism in Nordic Extreme Metal Music. Master's Thesis for Nordic Viking and Medieval Culture- ILN, Universitetet i Oslo, 2013.
- WOLF; Kirsten; MUELLER-VOLLMER, Tristan. *The Vikings: Facts and Fictions*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2018.
- ZENARCK, Julia. A Key Work for the Reception History of Norse Mythology and Poetry: Paul Henri Mallet's History of the Danish Empire and its European Impact. ROSS, Margaret Clunies (ed.). *The Pre-Christian Religions of the North*. Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830. Turnhout: Brepols, 2018a, p. 281-313. 2v
- ZENARCK, Julia. The 'Nordic Renaissance' in Russia and Poland. In: ROSS, Margaret Clunies (ed.). *The Pre-Christian Religions of the North*. Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830. Turnhout: Brepols, 2018c, p. 391-403. 2v
- ZENARCK, Julia. Pre-Christian Religions of the North and the Political Idea of Liberty. In: ROSS, Margaret Clunies (ed.). *The Pre-Christian Religions of the North*. Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830. Turnhout: Brepols, 2018b, p. 255-266. 2v